

Mesmo em poucas linhas, já outro dia aqui viu registada com verdadeira alegria a apresentação em publico do Orpheon Academico de Coimbra.

Agora é justo que lhe conte como elle nasceu e ao que visa.

Organizado pelo espirito claramente orientado de Antonio Joyce, esse Orpheon, vindo reatar a tradição que João Arroyo creára, tem já uma historia curiosa e interessante, que vale a pena fixar.



ANTONIO JOYCE

Começamos pelo iniciador. Deve de certo lembrar-se d'elle, porque já lhe falei de tal nome. Antonio Joyce, é aquelle temperamento privilegiado de critico e de artista que de muito mocinho começou a vibrar á acção prodigiosamente suggestionante da musica e que eu recordo, ainda agora, executando de ouvido, n'um violino macabro, um dos mais bellos nocturnos do perturbante e immortal Chopin, e de maneira a perceber-se o que era, se não pela nitidez da technica ao menos pela *côr* e pela intensidade da idéa.

Depois, annos passados, a creança de então cresceu e o simples e empirico *dilettante* estudou a *sciencia* da arte que o enamorára e iniciou-se nos seus segredos, procurando pelo trabalho vencer-lhe as difficuldades.

Mas a vida tem exigencias, e após circumstancias varias a creatura porventura fadada para profissional de violino singra para Coimbra e matricula se na Universidade.

Podia contentar-se em querer ser «como toda a gente um bacharel formado»; havia, po-

rém, recebido a *piçure* sagrada, e por felicidade o Direito onde aliás logo principiou a revelar-se *urso*, não o absorveu por completo, e é assim que o vemos, ainda simples caloiro, lançar as bases da fundação que mezes depois acabaria por fazer vingar.

Para isso convocou uma assembléa da Academia. Effectuada no theatro-circo, ali expoz a idéa que tinha vindo reimoendo no cerebro, explanou as vantagens da existencia d'um orpheon em Coimbra, desenvolveu o pensamento de solidariedade social e de cultura artistica a que tal iniciativa obedecia, delineou-lhe os fins a que mirava e a curva que teria a descrever.

E querendo demonstrar praticamente a belleza por assim dizer interior d'essa sua idéa, já na mesma noite da reunião preparatoria procedeu á experiencia e classificação das vozes d'aquella porção de academicos que com maior rapidez tinham apprehendido os intuitos da propaganda que ali vinha de iniciar. Isto repetiu se logo por toda uma semana.

Constituido o nucleo em volta do qual haveriam de agrupar se os elementos que agora formam o Orpheon, Antonio Joyce pôde verificar com alegria que já sommavam 150 os que se dispunham a segui-lo.

E', creio eu, a mais numerosa massa coral que ainda entre nós se organisou.

O Orpheon está dividido em 4 partes: 1.º e 2.º tenores, 1.º baixos (ou barytonos) e 2.º baixos; comtudo ainda se subdivide conforme as exigencias dos trechos a executar.

Das vozes que foram apuradas, as mais notaveis estão no naipe dos 2.º baixos, um dos quaes dá para além do *fá grave*, po-



OS ENSALADORES

dendo chegar ao si. E' um baixo do norte do paiz (Chaves) e tem uma physionomia que lembra Garrett.

Os 1.^{os} tenores são os chamados rouxinoes do Mondego, por cujas lindas margens vão, nas inconfundiveis noites luarentas da encantadora Coimbra, cantar trovas populares ao som de guitarradas infindaveis, que enchem de poesia aquelle ambiente unico de amor e de sonho.

O naipe dos barytonos, no geral preenchidos em todos os orpheons com elementos menos definidos, por um acaso feliz encon-

não dispõem de verba que lhes permita o luxo da aquisição d'esse instrumento.

Todavia, se por um lado tal facto lhes trouxe difficuldades, por outro deu-lhes enseo a melhor exercitarem as vozes na procura do tom. *A' quelque chose malheur est bon.* E' verso e é verdade.

Como a igreja é grande e conserva restos da sacristia, foram elles aproveitados para dependencias do Orpheon, e n'estas se espalharam os cantores formando grupos e estudando cada um d'elles a respectiva parte que coripheus escolhidos entre os que sabem mu-



O ORPHEON ACADEMICO

trou n'este verdadeiras vozes dentro da quadratura estabelecida, algumas havendo que se abalançam a cantar a solo.

Convenientemente disciplinados taes elementos, tornava se indispensavel uma casa de dimensões não vulgares onde coubessem.

Providencialmente a velha igreja de S. Bento, que servia de aula de gymnastica do lyceu, veiu preencher o fim que se tinha em vista, e é sob as suas abobadas vetustas que os ensaios se realisam todas as noites.

A principio poderam effectuar-se ao som d'um orgão gentilmente cedido por um professor de Coimbra, mas este precisou d'elle e agora realisam-se *a secco*, pois, como a minha amiga comprehenderá, academicos

sica ou possuem ouvido mais seguro, vão dirigindo.

A este trabalho preparatorio chamam os rapazes *encaixar a musica*.

D'entre os coripheus destaca-se o quartanista de direito Henrique Pinto, musico e compositor, que dispõe de geito especial para conseguir do seu naipe um apuro exemplar, a ponto de no Orpheon o apontarem como aquelle sobre quem menos recaem as furias do *maestro* director, o que constitue o seu maior titulo de gloria.

Depois d'este trabalho de ensaios parciaes os academicos occupam um enorme estrado em amphitheatro e então principiam os ensaios da totalidade da *massa coral*.

E agora que já procurei fazer-lhe conhecido o funcionamento interno do Orpheon, algumas referencias ao repertorio.

Obedece este a um criterio simultaneamente artistico e educativo como se dissessemos ethico e esthetic, e assente que elle deveria mover se dentro d'um racional eclectismo, onde, ao lado da corrente classica apparecesse a corrente popular, natural e logicamente impunham-se ao lado das grandes obras de Palestrina, de Bach, de Beethoven, os trechos que repousando sobre motivos populares, constituam especies de rhapsodias, cujo fio director seja mostrar a variedade dos rythmos e a riqueza de expressão que caracteriza a musica das diversas regiões do paiz, entrando n'este quadro desde a chula do Alemtejo e as canções dolentes da leziria até ás toadas que se ouvem nas romarias minhotas, aos descantes da Beira, e ás barcarolas de Agueda.

E, facto curioso, ao mesmo tempo que o coral de Bach que o Orpheon já fez ouvir com uma execução modelar o preparava para futuros committimentos no genero severo, o côro dos caçadores do *Freischütz* iniciava o no genero alegre.

A efficacia d'uma tal orientação, que já teve uma esplendida prova na maneira como foi interpretado o coral de Bach, o qual sem duvida ficará sendo sempre uma das peças de resistencia do Orpheon, de novo ha de exemplificar-se quando todos tivermos o prazer de o ouvir na fuga sobre o thema da canção de Brander da *Dannation de Faust*, de Berlioz, que n'este momento está em ensaios e em trechos de Palestrina, Schumann, Schubert, Gounod, Wagner, Kastner, etc., que elle prepara.

Com a admiravel pagina de Bach succedeu mesmo esta coisa typica: aprendida a principio com custo e talvez com repugnancia, veiu afinal a ser cantada com tal enthusiasmo, que já é pedida pelos proprios que a cantam—quasi como uma recompensa do seu esforço.

Emfim, querida amiga, Coimbra em particular e o paiz em geral, parece-me estarem de posse de um novo e farto manancial de

futuros gosos artisticos, e até a musica portugueza, creio, poderá rejubilar, porque é tenção do Orpheon reservar uma larga parte da sua propaganda a trabalhos de compositores nacionaes.

Já nos concertos dados executaram o côro dos pastores da *Serrana* do mallogrado e saudoso Alfredo Keil, mais uma linda e delicada melodia de Isidro Aranha, um dos grandes e incansaveis cooperadores de Antonio Joyce na organização e direcção do Orpheon, natureza tão rica de dotes artisticos e de tão fina vibratilidade que ou eu me engano muito ou ainda o veremos vincar o seu nome em algumas obras de real valor; e devo egualmente accrescentar que o applaudido auctor do *Amor de Perdição*, João Arroyo, prometeu um côro d'este seu bello trabalho.

Cumulativamente irá o Orpheon diligenciando fazer-se ouvir no côro do *Fidelio* de Beethoven, na apotheose de Hans Sach, dos *Mestres Cantores* de Wagner, n'uma obra d'este, escripta para 4 côros, e em varios themas populares caracteristicos de cada paiz, de que, para amostra, está ensaiando duas canções romaicas harmonisadas pelo notavel e erudito musicographo Titus Cerne. Algumas d'estas obras serão ouvidas pela primeira vez em Portugal.

Esta já vae demasiado extensa, e embora eu me não sinta cançado, V. Ex.^a é que sem duvida o está; mas, já agora, para concluir, com uma nota ao mesmo tempo consoladora e esperançosa, devo observar-lhe que o Orpheon, não perdendo nunca de vista o seu objectivo educador, pensa em percorrer o paiz no intuito de popularisar o genero de musica a que se consagrou, e na proxima Paschoa Lisboa terá a *primeur* de um festival por elle organizado em beneficio de uma escola maternal (*kinder-garten*), que projecta estabelecer em Coimbra, escola que obedece a um plano, julgo que desconhecido entre nós.

Quanto á acção já exercida pelo Orpheon no meio academico de Coimbra, ella tem sido das mais beneficis, e veiu trazer a convergencia e a sociabilidade onde por lamentaveis incidentes de occasião, tristemente acirrados pela intolerancia pessoal e pela paixão sectarista, começavam quasi a florescer odios.